

# “A universidade foi chave que abriu muitas portas”: mudança de vida de egressos cotistas das universidades federais

José Roberto Abreu de Carvalho Junior<sup>1</sup>

Wescley Silva Xavier<sup>2</sup>

Marco Aurélio Marques Ferreira<sup>3</sup>

## Resumo

O objetivo do artigo foi identificar os ganhos culturais, intelectuais e econômicos que egressos cotistas das universidades federais brasileiras obtêm com o ensino superior. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa, por meio de 10 Grupos Focais, com 26 egressos cotistas e oito não cotistas, de diferentes cursos, de 18 universidades federais. Utilizamos o método de Análise de Conteúdo para análise dos dados. Os resultados sugerem que o ensino superior promove mudanças significativas sobre a vida dos egressos cotistas, proporcionando-lhes reais ganhos culturais, intelectuais e econômicos, destacando a importância da política de cotas das universidades federais para inclusão sociocultural-econômica desses egressos.

## Palavras-chave

Egressos; Cotas; Ação Afirmativa; Ensino Superior; Mudança de Vida.

“The university was a key that opened many doors”: life’s change of quota graduates from federal universities

## Abstract

The aim of the article was to identify the cultural, intellectual and economic gains that quota graduates from Brazilian federal universities obtain from higher education. To this end, we carried out qualitative research, through 10 Focus Groups, with 26 quota students and eight non-quota students, from different courses, from 18 federal universities. We used the Content Analysis method to analyze the data. The results suggest that higher education promotes significant changes in the lives of quota graduates, providing them with real cultural, intellectual and economic gains, highlighting the importance of the quota policy at federal universities for the socio-cultural-economic inclusion of these graduates.

## Keywords

Graduates; Quotes; Affirmative Action; Higher Education; Life Change.

Artigo recebido em junho de 2024

Artigo aceito em agosto de 2024

## Introdução

A política de cotas (Lei 12.711) determinou em 2012 que as universidades federais brasileiras reservem pelo menos metade das vagas de seus cursos de graduação para estudantes oriundos do ensino médio de escolas públicas, que são os popularmente chamados estudantes cotistas. Apesar da relevância da política de cotas para seu público beneficiário e do combate à histórica desigualdade no acesso ao ensino superior (SILVA; XAVIER; COSTA, 2020), pesquisas sobre a vida pessoal e profissional dos egressos cotistas após a universidade são ainda escassas na literatura.

Além disso, o estado da arte das pesquisas sobre o tema é ainda limitado em termos de foco e metodologia e, portanto, necessita avançar. Com poucas exceções de abordagens quantitativas (BIAZOTTO *et al.*, 2022b, 2022a; FRANCIS-TAN; TANNURI-PIANTO, 2018; GUIMARÃES; ANDRADA; PICANÇO, 2019; MAIA, 2017; SILVEIRA, 2016), os demais trabalhos existentes realizam pesquisas com abordagem qualitativa dos dados (ALBANAES *et al.*, 2020; ARRIGONI, 2018; BARROS, 2019; DUTRA, 2018; FERREIRA, 2018; LIMA, 2014; LYRIO; GUIMARÃES, 2014; NASCIMENTO, 2018; PEREIRA, 2015; REIS, 2020; SILVEIRA, 2016; SOTERO, 2009). Os estudos de abordagens qualitativas, que dominam a literatura até o momento, realizam entrevistas com uma pequena amostra de egressos cotistas de uma única universidade e até mesmo de um único curso.

A literatura existente se caracteriza em sua maioria como estudos de caso e não faz comparações da vida de egressos cotistas considerando outras universidades ou outras regiões do país. A maioria dos trabalhos foca na inserção profissional e continuidade dos estudos na vida pós-universitária somente dos egressos cotistas e não fazem comparação com a vida dos não cotistas. Outro problema é que, na maior parte da literatura, as universidades dos egressos analisadas estão localizadas nas capitais do país ou em regiões metropolitanas de grande desenvolvimento socioeconômico.

Nesse artigo, inovamos em relação a essa literatura prévia ao considerarmos como unidade de análise um amplo universo empírico, composto por egressos cotistas e não cotistas de diferentes cursos dentre várias universidades federais, de todas as regiões do Brasil. Além disso, inovamos em relação aos métodos qualitativos usados até então, pois realizamos Grupos Focais temáticos, com egressos que possuem características mais semelhantes entre si e que foram selecionados e agrupados por análises quantitativas de dados. Por fim, avançamos nessa literatura ao fazer uma análise comparativa qualitativa entre egressos cotistas e não cotistas sobre seus ganhos pessoais e profissionais obtidos após o ensino superior.

Fizemos isso com o intuito de encontrar respostas para a seguinte pergunta de pesquisa: quais são os possíveis ganhos culturais, intelectuais e econômicos para a vida dos egressos cotistas após eles se formarem na universidade federal? Assim, o objetivo do artigo foi identificar os ganhos culturais, intelectuais e econômicos que egressos cotistas das universidades federais brasileiras obtêm com o ensino superior. Além dessa contribuição teórica, como contribuição prática e social, nossos resultados podem ajudar a subsidiar a tomada de decisão de gestores públicos quanto à efetividade da política de cotas das universidades federais como um instrumento de inclusão sociocultural-econômica do seu público-alvo, os estudantes cotistas.

### **Ação afirmativa no ensino superior e a expectativa de mobilidade social dos estudantes cotistas**

A política de cotas das universidades federais, vista como uma ação afirmativa, foi desenhada para expandir o acesso a universidades públicas de qualidade e de maior prestígio social a grupos historicamente sub-representados nesse nível de ensino (LOPES, 2016). Ela busca diminuir o hiato de escolaridade em nível superior de ensino entre negros e brancos brasileiros (DURYEA *et al.*, 2019) e promover maior equidade e inclusão social (BIAZOTTO *et al.*, 2022a). Por

ter um formato que combina a cor/raça, a deficiência (para o caso de pessoas com deficiência), a condição socioeconômica e a origem escolar do estudante, a política de cotas surge como possibilidade para reduzir as fortes desigualdades socioeconômicas na sociedade brasileira (ANDREWS, 2014).

Ela busca nivelar as oportunidades sociais já no curto prazo, ampliando as possibilidades de mobilidade social ao longo do tempo (BAGDE; EPPLE; TAYLOR, 2016), dadas as amplas evidências de uma correlação positiva entre nível de escolaridade e renda dos indivíduos (BECKER, 1964; TORCHE, 2011), sobretudo em países em desenvolvimento como o Brasil (BECKER, 1964), em virtude das desigualdades educacionais da população.

A partir da ação afirmativa no ensino superior, espera-se um empoderamento dos grupos minoritários com a ocupação de postos de destaque e de prestígio na sociedade (SILAME; MARTINS JÚNIOR; FONSECA, 2020). Assim, a política de cotas vai além de simplesmente promover uma mudança no perfil historicamente elitizado dos alunos das universidades federais, pois ela também se configura como uma política de redistribuição de renda autossustentável, em virtude da conhecida relação positiva entre escolaridade e renda (BECKER, 1964; SILVA; XAVIER; COSTA, 2020; TORCHE, 2011). Políticas de ação afirmativa no ensino superior voltadas para a população de baixa renda se configuram como uma poderosa ferramenta para quebrar o ciclo geracional de pobreza e melhorar o bem-estar econômico-social dessa população (REITER; LEZAMA, 2013).

Algumas evidências recentes no Brasil sugerem que a universidade pública desempenha um papel-chave na promoção da mobilidade social dos estudantes pobres e beneficiados pela política de cotas (BIAZOTTO *et al.*, 2022b; DURYEY *et al.*, 2019; FRANCIS-TAN; TAN-NURI-PIANTO, 2018; GUIMARÃES; ANDRADA; PICANÇO, 2019). Essas evidências brasileiras convergem com evidências da política de cotas nos Estados Unidos, que também sugerem que ela realmente melhora

as oportunidades educacionais e os resultados no mercado de trabalho de seu público beneficiário (HOLZER; NEUMARK, 2006) e que a presença dos grupos minoritários em universidades de qualidade diminui a importância do capital social familiar para a sua inserção profissional (BOWEN; BOK, 1998).

Esses resultados fortalecem a entrada no ensino superior como um evento capaz de interromper o ciclo de pobreza de famílias de baixa renda, como destacado pela literatura de estratificação social (TORCHE, 2011). Essa corrente de pensamento pressupõe a existência de uma sociedade meritocrática, na qual o diploma universitário é suficiente para igualar as oportunidades no mercado de trabalho entre os estudantes egressos do ensino superior, independentemente do seu *background* familiar.

Algumas evidências iniciais mostram que egressos cotistas das universidades federais e de famílias de baixa renda alcançaram a mobilidade social (DURYEA et al., 2019; FRANCIS-TAN; TANNURI-PIANTO, 2018; GUIMARÃES; ANDRADA; PICANÇO, 2019). Há também resultados positivos em termos de inserção profissional na área de formação, continuidade nos estudos na pós-graduação, mudança de comportamento, aumento da autoestima, perspectivas de carreira futura e satisfação pessoal e profissional, especialmente da população cotista negra e pobre (ALBANAES et al., 2020; ARRIGONI, 2018; BARROS, 2019; FERREIRA, 2018; LIMA, 2014; LYRIO; GUIMARÃES, 2014; MAIA, 2017; NASCIMENTO, 2018; PEREIRA, 2015; REIS, 2020; SILVEIRA, 2016; SOTERO, 2009). De uma maneira geral, as pesquisas sobre o tema têm encontrado resultados positivos em termos de confirmarem a mobilidade social dos egressos cotistas de diferentes universidades e das várias regiões do país analisadas até o momento.

## Metodologia

Essa é uma pesquisa com abordagem qualitativa dos dados, em que realizamos 10 Grupos Focais, com 34 egressos, sendo 26 cotistas e oito

não cotistas, de diferentes cursos de graduação, dentre 18 universidades federais participantes da pesquisa. O Grupo Focal é um método de pesquisa qualitativa usado quando se deseja reunir informações que possibilitem a compreensão de percepções, crenças e atitudes dos participantes sobre um determinado tema em discussão (TRAD, 2009).

Convidamos e selecionamos os 34 egressos participantes dos 10 Grupos Focais através de um questionário eletrônico aplicado previamente e respondido por 11.458 egressos das 18 universidades federais que aceitaram participar da pesquisa mediante pedido nosso a elas. Esse questionário representa a parte quantitativa da nossa pesquisa, não discutida nesse artigo. Ao fim da resposta ao questionário, os egressos recebiam uma mensagem se desejavam participar de um Grupo Focal, em momento posterior, para coleta de dados qualitativos da pesquisa. Ao fim da aplicação do questionário, 3.147 egressos manifestaram interesse em participar do Grupo Focal.

Após termos realizado a coleta e análise dos dados do questionário, fizemos Análises de *Clusters*, aplicando filtros no Excel com nossas variáveis, criadas a partir das respostas no questionário, o que permitiu agruparmos os egressos participantes dos Grupos Focais de acordo com as suas características em comum. Desse modo, seguimos Trad (2009), que recomenda que os participantes do Grupo Focal devem ser sujeitos semelhantes entre si. A realização de vários Grupos Focais é muito útil quando se busca compreender as diferenças existentes em perspectivas, ideias, sentimentos, representações, valores e comportamentos de grupos diferenciados de pessoas (GATTI, 2005).

Após essas Análises de *Clusters*, iniciamos a parte de coleta dos dados qualitativos da pesquisa. Tendo em vista que é muito comum possíveis participantes de Grupos Focais desistirem da participação na pesquisa (GATTI, 2005), convidamos um número maior de egressos em relação aos 10 que pretendíamos inicialmente. No total, de 246 egressos convidados, 34 estiveram presentes, distribuídos em 10 Grupos Focais. Dos 34 egressos participantes dos Grupos Focais, 26 são cotistas e oito

não cotistas. Essa maior participação de egressos cotistas foi intencional de nossa parte, pois buscamos conhecer de uma maneira mais aprofundada os efeitos da política de cotas para seu público-alvo.

Todos os Grupos Focais foram realizados entre os dias 17 de fevereiro de 2022 e 30 de março de 2022, no horário noturno, e de forma *on-line* através do *Google Meet* com duração mínima de 60 minutos. Com a finalidade de garantir o anonimato dos participantes, optamos por nomeá-los como Participante 1 (P1), Participante 2 (P2) e assim sucessivamente. A ordem de nomenclatura dos egressos participantes em P1, P2, P3, etc. seguiu a ordem na qual os egressos se apresentaram primeiramente no início do Grupo Focal. O quadro 1 apresenta a caracterização dos egressos participantes dos Grupos Focais.

Quadro 1 – Caracterização dos egressos participantes dos Grupos Focais

Participante	Grupo Focal	Caracterização do(a) participante
P1	1	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Ciências Humanas – Sociologia, da UFMA
P2	1	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Ciências Naturais – Biologia, da UFMA
P3	2	Egresso não cotista branco, de gênero masculino, do curso de Engenharia Mecânica, da UFRJ
P4	2	Egresso não cotista branco, de gênero masculino, do curso de Engenharia Química, da UFRGS
P5	2	Egresso não cotista branco, de gênero masculino, do curso de Direito, da UFRN
P6	3	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Design Gráfico, da UFPR
P7	3	Egresso cotista negro, de gênero masculino, do curso de Engenharia Química, da UFMA
P8	4	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Artes, da UFBA
P9	4	Egresso cotista branco, de gênero masculino, do curso de Administração, da UFBA
P10	4	Egresso cotista branco, de gênero masculino, do curso de Administração Pública e Gestão Social, da UFRGS
P11	5	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Políticas Públicas, da UFABC

P12	5	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Pedagogia, da UFBA
P13	5	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Biblioteconomia, da UFRGS
P14	5	Egresso cotista negro, de gênero masculino, do curso de Pedagogia, da UFMA
P15	5	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Administração, da UFMA
P16	5	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Serviço Social, da UFRJ
P17	6	Egresso cotista branco, de gênero masculino, do curso de Ciências e Humanidades, da UFABC
P18	6	Egresso cotista branco, de gênero masculino, do curso de Engenharia de Alimentos, da Ufes
P19	6	Egresso cotista amarelo, de gênero masculino, do curso de Ciências da Computação, da UFMA
P20	7	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Design, da UFMA
P21	7	Egresso cotista branco, de gênero masculino, do curso de Zootecnia, da Ufes
P22	7	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Enfermagem, da Unifal
P23	8	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Comunicação Social – Relações Públicas, da UFMA
P24	8	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Fisioterapia, da Unifal
P25	8	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Ciências Econômicas, da UFRJ
P26	8	Egressa cotista branca, de gênero feminino, do curso de Engenharia Ambiental e Urbana, da UFABC
P27	8	Egresso cotista negro, de gênero masculino, do curso de Ciências Biológicas, da UFMA
P28	8	Egresso cotista negro, de gênero masculino, do curso de Agronomia, da Ufam
P29	8	Egressa cotista negra, de gênero feminino, do curso de Agronomia, da UFRR
P30	9	Egressa não cotista branca, de gênero feminino, do curso de Biomedicina, da UFPR
P31	9	Egresso não cotista negro, de gênero masculino, do curso de Engenharia de Controle e Automação, da UFBA

P32	9	Egresso não cotista branco, de gênero masculino, do curso de Ciência da Computação, da UFMT
P33	10	Egressa não cotista branca, de gênero feminino, do curso de Ciências Econômicas, da UFRJ
P34	10	Egresso não cotista branco, de gênero masculino, do curso de Geofísica, da UFBA

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conduzimos os Grupos Focais de modo que os participantes relatessem suas experiências de mudança de vida após a conclusão do ensino superior. A reunião de cada Grupo Focal no *Google Meet* foi gravada, com o consentimento dos participantes. Posteriormente, baixamos a gravação dos Grupos Focais diretamente do armazenamento no *Google Drive* e, após, utilizamos o aplicativo "Filmes e TV" da Microsoft para ouvirmos e transcrevermos os áudios da gravação de cada Grupo Focal em arquivos do Microsoft Word.

Para a análise dos dados, adotamos como método a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2011). Segundo Bardin (2011), a Análise de Conteúdo, ao fazer uma análise profunda do conteúdo dos dados, permite ao pesquisador superar incertezas quanto à sua primeira impressão pessoal na leitura rápida dos dados. Bardin (2011) explica que a Análise de Conteúdo segue uma ordem cronológica de três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A partir desse processo, criamos, a priori, a categoria de análise denominada "Mudança de vida", tendo por base estudos que a sustentam teoricamente, quais sejam Albanaes *et al.* (2020), Anelli (2020), Arrigoni (2018), Christie *et al* (2018), Barros (2019), Ferreira (2018), Lima (2014), Lyrio e Guimarães (2014), Nascimento (2018), Pereira (2015), Reis (2020) e Sotero (2009).

Utilizamos o software de análise de dados qualitativos *webQDA*<sup>4</sup> para codificação dos dados dos Grupos Focais conforme a nossa categoria de análise, com base no valor semântico (ideia) dos termos mencionados pelos egressos em sua fala. A partir da análise

dos dados, construímos um quadro de resultados referente à categoria de análise “Mudança de vida”, cujos trechos são apresentados na seção de resultados.

Por fim, solicitamos a um Revisor que reveresse nossas análises buscando validá-las. Esse Revisor é um especialista no método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Solicitamos a ele que registrasse se concordava ou discordava do nosso processo de codificação. Para tanto, ele reviu a codificação de códigos criados a partir dos dados da participante P33, escolhida aleatoriamente através do Excel. Obtivemos um índice de 94,74% de concordância desse Revisor com a nossa codificação, percentual que julgamos como válido da nossa Análise de Conteúdo.

## Resultados e Discussão

Os egressos cotistas dos Grupos Focais são unânimes em reconhecer que a sua vida melhorou muito após a universidade. Essa mudança parece ir muito além da melhoria de vida financeira, algo muito importante, mas principalmente pela universidade lhes proporcionar uma mudança de personalidade, com aumento da visão de mundo e das possibilidades de vida, uma espécie de “chave” que abre portas e que funciona como um “divisor de águas” para suas vidas. Muitos egressos conseguem traçar um paralelo sobre o quão distintos eles eram antes da universidade com que eles são agora, após a universidade:

A universidade foi, de fato, chave que abriu muitas portas. (P27)

Eu sou a primeira pessoa da minha família, meu núcleo familiar ali, meus pais, meus irmãos, a ter uma formação de nível superior. E, pra mim, foi realmente um divisor de águas (...) a universidade abriu muito a minha mente pra justamente pra senso crítico, pra você até mesmo pra criação de um networking e também pra questões técnicas, éticas e de conhecimento que você geralmente não tem assim em outro ambiente. Então, eu acho que o Ensino Superior, pra mim, que não tinha, inclusive, um exemplo

assim na família, foi um divisor de águas nessa área. Na parte financeira, foi também um divisor de águas pra mim. Porque devido à minha formação, eu consegui através do concurso ingressar num órgão público com um salário que eu considero (...) bem razoável, me mantém muito bem (...) Mas a universidade, sim, foi um divisor muito forte de águas na minha vida. (P28)

Uma mudança intelectual, um "ganho cultural", de formação de pensamento crítico a partir da presença na universidade também é visualizada pelos egressos cotistas, como exemplificam P14 e P27, que conseguem traçar um paralelo de como eles eram antes da universidade com quem eles são hoje:

Mas o ganho cultural que a universidade federal, a UFMA, me trouxe é um ganho que ele não tem preço. Eu sou... o P14 de 2015.2 para trás, é um; o de 2015.2 até o presente momento, é totalmente diferente. Eu só trago maravilhas, eu costumo dizer, culturalmente, que esse é que é o meu bem maior. Os meus antepassados, meu pai, meu avô, meu bisavô sempre diz: "A maior conquista que você pode ter é o conhecimento. Esse ninguém lhe rouba." E eu trago isso comigo. Então, esse é o ganho que eu tenho a dizer: cultural. (P14)

Eu costumo dizer que existem dois P27: o P27 antes da federal e o P27 depois da federal. Eu mudei assim no sentido de... no sentido positivo, de ter melhorado muito a minha visão de mundo, acho que ter a formação do curso que eu sempre quis é importante, mas o meu senso crítico, a minha visão de mundo, foi algo muito mais importante (...) Então, eu acho que essa chave de ter esse senso avaliador, de poder pensar no meu lugar de fala enquanto na sociedade, enquanto cidadão, enquanto brasileiro, poder avaliar as situações, não só saber falar de planta, de bicho, de fungo, de... do que quer que seja, mas de saber o que que... qual é o meu peso na sociedade. (P27)

Esses dados revelam a importância da política de cotas para a mobilidade social dos egressos cotistas, em termos de significativos be-



nefícios econômicos para si, e de uma mobilidade cultural, intelectual, relacionada aos benefícios não econômicos proporcionados pelo ensino superior de qualidade. O entrelaçamento dos benefícios econômicos e não econômicos se combina para explicar a mudança de vida pessoal experimentada pelos egressos cotistas:

Em relação à visão de mundo, eu acho que mudou completamente, completamente. Eu vivia literalmente no ovo da minha família e só aquela realidade pra mim era a verdadeira. Eu conheci muita gente na universidade pública, eu aprendi muito sobre tudo e, principalmente, o meu curso fez muita diferença porque na Enfermagem eu tive acesso a muita informação que, pra mim, hoje, é fundamental pra vida. Então, pra mim, isso mudou muito, mudou muito a minha vida mesmo e eu também vejo o mundo de uma maneira completamente diferente. E entra naquilo (...) de perspectivas: hoje, eu traço sonhos assim irreais pra mim (...) Na questão do financeiro: minha vida mudou completamente. Hoje, eu recebo mais que meus pais, que os dois (...) Hoje, eu pago um apartamento, eu sou completamente independente financeiramente dos meus pais, eles não ajudam com nada. E, pra mim, a melhor realização da vida é não dar mais gastos pros meus pais, eles fiquem tranquilos, não terem que se preocupar comigo. Então assim, minha vida mudou muito (...) Então agora, eu tenho o meu quarto, das minhas coisas, do meu gosto, num apartamento bom, num apartamento no centro. Eu não fico preocupada se eu vou ter alguma coisa pra comer, como tudo que eu quero, invento tudo que eu quero comer. E assim, é coisa simples? É. Mas, pra quem já passou por coisas mais difíceis, vale muito, vale muito mesmo (...) Então assim, a minha vida mudou completamente depois que eu terminei a faculdade. E daí, assim, eu já não duvido de mais nada: eu coloco o objetivo lá no alto, se der certo, se não deu, o meu sonho eu já realizei, eu já sou Enfermeira e já tá tudo certo. Então, eu acho que mudou muito. (P22)

Os resultados indicam que pequenos benefícios econômicos colhidos pelos egressos cotistas já são expressivos o suficiente para impactarem significativa e positivamente na qualidade de vida, dada a

sua precária condição socioeconômica familiar prévia. Além disso, a aquisição de conhecimento, a ampliação de horizontes, o aumento da autoconfiança e da visão de mundo são benefícios não econômicos proporcionados pela universidade pública que egressos cotistas identificam como de grande relevância, especialmente quando comparam a sua vida atual com a sua origem familiar.

A fala de P25, egressa cotista, indica como a sua formação acadêmica de nível superior reflete em benefícios econômicos para a sua família, que sempre conviveu com uma insegurança financeira, e como que mesmo em cenários de altos custos de vida, sua renda do trabalho consegue lhe proporcionar uma melhor qualidade de vida para si e sua família:

(...) eu tenho certo o que eu vou ganhar todo mês e é uma coisa que meus pais não têm. Então, isso já representa uma grande mudança no paradigma da minha família porque isso é uma coisa que veio desde sempre, de eles não terem essa segurança financeira. Consigo ajudar já em casa (...) (P25)

A fala de P11 revela uma forte correlação positiva entre escolaridade e renda, na qual ela, egressa cotista, obtinha melhores retornos financeiros do que sua mãe, mesmo na fase inicial de sua carreira de nível superior:

(...) nos meus estágios, eu ganhava mais do que a minha mãe. Então, em questão de melhora financeira, pra mim é inegável, é impressionante o quanto... o quanto faz diferença, principalmente, se você consegue se alocar (...) mas financeiramente teve muita diferença pra mim. Agora, como pessoa, eu nem consigo mais me conectar com quem eu era antes de entrar na UFABC. Mas isso pra exemplificar o tamanho do entendimento que entrar na UFABC me trouxe, o quanto... O curso de Ciências Humanas, especificamente, ele abre a sua visão de uma forma muito grande, ele te leva... e não só te mostra que agora você sabe muito, mas também mostra o quanto você não sabe e o quanto você tem o potencial de aprender. Então, quando você tem o lugar pra falar "Não, disso aqui, eu entendo; não, disso aqui, eu não entendo ainda, mas pra eu entender, eu tenho que

fazer isso, isso e aquilo.” Então, você saber buscar a informação é outra coisa que eu aprendi na universidade. Mas em termos de transformação pessoal, foi imenso pra mim a diferença. E financeiramente também eu não posso dizer que não aconteceu nada porque mesmo o meu desemprego foi diferente dos desempregos da minha mãe, por exemplo, porque eu tive muito mais suporte, enfim. Então, eu acho que é isso: a universidade fez toda a diferença na minha vida. (P11)

A fala de P23, egressa cotista negra, de gênero feminino, simboliza que a situação econômica da sua família melhorou após ela conquistar o diploma universitário mesmo diante de barreiras para sua inserção no mercado de trabalho e consequente dificuldade para sua independência financeira pessoal:

Olha, em relação ao aspecto financeiro, tá caminhando. Houve, eu já tenho maior autonomia financeira, já consigo contribuir e ajudar na renda familiar (...) Então, eu consigo... não é do jeito que a gente sonha, tipo “Uuul! Vou sair da faculdade, vou ganhar um puta emprego!” Não, não foi isso exatamente que aconteceu. Mas sim, eu já observo melhorias. (P23)

A explicação que nos parece mais plausível para esses resultados reside no conjunto de experiências positivas às quais os estudantes são expostos durante a graduação e, em particular, para os egressos cotistas, pois muitos deles podem ser os primeiros de suas famílias a terem acesso ao ensino superior. Por consequência, decorrem dessas experiências mudanças intelectuais, comportamentais e materiais em suas vidas (LYRIO; GUIMARÃES, 2014). As falas dos egressos cotistas parecem ir nesse sentido, pois destacam como eles, muitas vezes, são de fato a primeira pessoa na família a ingressarem no ensino superior, sobretudo na universidade pública, e como isso impacta positivamente no ambiente familiar:

(...) a família inteira quando precisa de ajuda, eles buscam informações assim relacionadas aos cuidados de saúde (...) porque eu fiquei como referência pra essas pessoas. (P22)

E aí, quando eu vou pra UFBA, eu já falei um pouco de como a minha vida mudou, e aí, na minha família, eu também senti assim uma coisa de mudar. Por exemplo, nem meu pai nem minha mãe eram formados, hoje eu converso com minha mãe de faculdade, a gente dá uma olhada. Ela sempre cozinhou, na época que eu entrei na faculdade, ela fazia um curso técnico e aí depois ela fez outros cursos técnicos e faz os cursos livres, e aí a gente conversa sobre a possibilidade de entrar numa faculdade, que era uma coisa que não era uma realidade antes. Hoje, eu tenho várias outras pessoas da minha família formando, eu vou pra formatura da minha tia agora que foi numa universidade pública também, na estadual daqui. Mas era uma coisa que não era a realidade da família. Eu não acredito que eu fui a pessoa que..., mas eu acredito que o fato de eu ir contribuiu muito para que hoje isso seja uma realidade na minha família. (P8)

Já os egressos não cotistas parecem conviver desde cedo com familiares que já são altamente escolarizados e bem remunerados (TORCHE, 2011) e, como consequência, a terem experiências de vida materiais e imateriais de melhor qualidade, fazendo com que o ensino superior seja um caminho já esperado para eles (SOUZA, 2006a, 2006b, 2009, 2019) e que, portanto, não representa necessariamente uma mudança brusca no ambiente familiar, conforme podemos observar na fala de P33, egressa não cotista:

Eu acho que também tem uma questão muito importante que é qual o contexto que você veio. Então, eu vim de um contexto... minha família é muito escolarizada, então, meus pais tinham graduação, meus avós tinham graduação, todos, eu tive um bisavô que foi Professor Universitário. Então, eu acho que tinha essa expectativa, sempre teve, de que eu passasse pela universidade, no mínimo. Então, eu não sei se eu diria uma mudança de vida... é diferente de uma pessoa que... que aconteceu muito na mesma época que eu, eu vi muita gente que era a primeira pessoa da família a entrar na universidade. Não foi o meu caso, de jeito nenhum, na minha família era o contrário. Na minha geração, foram

os primeiros primos que não entraram na universidade federal e foram entrar em universidade privada e é a vergonha da família a pessoa não tá na universidade federal. Então, era muito diferente do que eu ouvia das pessoas ao meu redor que tavam entrando naquela... porque eu entrei no ano das cotas, eu entrei em 2011, então, foi quando a UFRJ começou a implementar o sistema de cotas, e pra mim, era muito perceptível a diferença da minha realidade com a galera que... com os meus amigos, as pessoas ao meu redor. Então, não uma mudança de vida nesse sentido. Eu acho que a universidade proporciona isso pra muita gente e não é exatamente o meu caso. (P33)

Os resultados remetem a uma melhoria mais substancial da situação econômica da família dos egressos cotistas em comparação aos não cotistas, e isso sugere que os primeiros podem ajudar mais financeiramente a sua família que o segundo grupo, não por uma ação necessariamente deliberada, mas por maior necessidade econômica da sua família. Mesmo assim, egressos não cotistas também experimentam mudanças substanciais de vida, cultural, intelectual e econômica, a partir do ensino superior, como exemplifica o relato de P30:

Nossa, uma mudança absurda, colossal, desproporcional! Eu... de verdade, essa semana ainda eu tava falando com uma amiga minha, eu tipo “Meu, eu tô esquiando na Áustria!” A P30 de antes de, sei lá, a P30 de não muito tempo atrás... eu imaginava que talvez um dia eu ia guardar dinheiro, ia passar férias na Itália no verão. Nunca, nunca na minha vida eu ia imaginar que eu... eu sabia que eu iria pra faculdade, ia conseguir um emprego e provavelmente ia ser um pouco melhor, mas nunca imaginei, nunca. Quando paro pra pensar, é um negócio assim muito ridículo, nem entra na minha cabeça, umas coisas bem banais me deixam muito quase emocionada. Porque, às vezes, eu penso... velho, hoje eu vou pro supermercado e eu coloco as paradas no meu carrinho, eu não tô preocupada, eu “Ah, eu quero comer aquilo!” eu vou lá e compro o que eu quero comer. Eu acho isso muito bizarro porque eu lembro tipo de criança, queria comprar latinha

de atum e minha mãe dizia "Não, porque a latinha de atum é muito cara, tem que comprar latinha de sardinha, tem que misturar no macarrão que é pra render pra todo mundo comer!" e eu ficava "Gente!" Eu achava a minha vida inteira que o quê? Um dia eu vou fazer faculdade e provavelmente vou ter um emprego bacana e de repente eu vou ter uma vida super modesta, do tipo "Vou guardar dinheiro, vou fazer uma viagemzinha de férias, talvez eu faça um financiamento e compre um carro, de repente depois de alguns mil anos de aluguel, eu vou comprar uma casa!" e era aquela coisa que eu já achava "Nossa, P30 sonhadora!". Então, eu não sei assim, eu não sei o que que deu certo, o que que deu errado, mas que bom que não dá pra voltar atrás. (P30)

Nesse cenário de impactos positivos do ensino superior para a vida dos estudantes, as falas dos egressos cotistas reforçam a importância da política de cotas para a mobilidade social e mudança de vida de estudantes mais vulneráveis socialmente:

Então, as cotas, elas são necessárias. Ela também, ela é uma reparação histórica para com a população brasileira, que eu fico... eu falo assim minoria, mas é uma minoria que é maioria, a gente tá falando do povo negro, que é a maioria da população (...) Minoria é aqueles que dispõem de mais recursos, a riqueza, ela tá distribuída dentre poucos no Brasil. Então, a política de cotas, ela é necessária, ela é suficiente e é preciso que eu e você do outro lado aí brigue por ela. Eu me servi dela com muito orgulho, onde eu for, eu digo "Eu sou cotista! Eu estudei, eu tive acesso à universidade pública porque eu fui através do processo de cotas!" E as cotas, no caso, como eu disse que eu vi muitos alunos aqui da periferia lá na universidade, se deve a ela. Porque a política de cotas, ela é bem abrangente, ela vai desde o negro ao simples estudante independente de cor, mas que ele estudou na escola pública (...) Então, a política de cotas, ela é necessária, ela é imprescindível, pra ela provocar essa mobilidade, esse movimento social, que é as pessoas mudarem de posição dentro da mesma sociedade através da educação. (P14)

Egressos não cotistas também reconhecem a importância da política de cotas e concordam com a sua existência e continuidade, especialmente para o combate à forte e histórica desigualdade social brasileira:

A cota, a ação afirmativa, é uma forma de acelerar a compensação pelos defeitos do Estado, dos estados, das respectivas sociedades. Se ela existe, é pra poder... que o passivo que se tem de ter um país com racismo estrutural e tem uma educação pública, do 2º grau pra baixo, de má qualidade, não impacte a população que tá viva agora. Porque as crianças estão estudando agora, tão no Ensino Médio, que vão aplicar o vestibular, não são culpadas pela política pública mal feita dos governos e mudar a educação demora 20 anos. Então vamos sacrificar toda uma geração pra que o governo atual corrija?! Aí você entra com a ação afirmativa tentando acelerar a mudança. (P31)

Eu acho que deve existir, eu acho justo. Eu acho que, enfim, ao meu ver, aprimorou mais ainda a questão de ter as cotas raciais e sociais. Acho que isso vem abrangendo uma população maior e que mais necessita. E é aquela questão, se a gente for ver estatística de como é a população brasileira e de como tá sendo distribuído os privilégios pras pessoas, você não vê em conformidade com a população no total, o que demonstra (...) uma clara desigualdade entre como as oportunidades estão sendo distribuídas. Então, baseado nisso, concordo e acho isso justo, válido. (P32)

Em resumo, nossos resultados sugerem que os benefícios do ensino superior para os egressos cotistas parecem ir além do aspecto econômico (BOWEN; BOK, 1998), contemplando também benefícios não econômicos como mudança de personalidade e aumento da autoestima (CHRISTIE *et al.*, 2018). Os resultados amplamente convergem com a literatura brasileira que também encontrou evidências de benefícios não econômicos significativos de mudança de vida para melhor dos egressos cotistas do ensino superior (ALBANAES *et al.*, 2020; ARRIGONI, 2018; BARROS, 2019; FERREIRA, 2018; LIMA, 2014;

LYRIO; GUIMARÃES, 2014; NASCIMENTO, 2018; PEREIRA, 2015; REIS, 2020; SOTERO, 2009). Assim, em termos teóricos e práticos, nossos resultados sugerem que a política de cotas é efetiva no que tange a produzir benefícios materiais e imateriais para a vida dos egressos cotistas e suas famílias.

## Conclusão

O objetivo do artigo foi identificar os ganhos culturais, intelectuais e econômicos que egressos cotistas das universidades federais brasileiras obtêm com o ensino superior. Avançamos empiricamente no conhecimento ao fazer o primeiro estudo amplo no Brasil, com egressos de diferentes cursos, universidades e regiões, considerando uma análise qualitativa inovadora e expressiva sobre o tema através da realização de vários Grupos Focais, que serviram para a compreensão em profundidade das possíveis mudanças experimentadas pelos egressos cotistas comparativamente aos não cotistas a partir da conquista do ensino superior.

Os resultados revelam substanciais benefícios culturais, intelectuais e econômicos colhidos pelos egressos cotistas e também pelos não cotistas para sua vida pessoal e profissional. Esses resultados destacam a relevância e a necessidade de continuidade da política de cotas das universidades federais para inclusão sociocultural e socioeconômica dos estudantes cotistas e como uma ferramenta de combate à forte desigualdade socioeconômica brasileira, uma das maiores do mundo.

Pesquisas futuras poderão investigar quantitativamente quais são os benefícios econômicos e não econômicos colhidos por egressos cotistas e não cotistas, com foco na sua inserção no mercado de trabalho. Outro caminho interessante seria considerar os familiares dos egressos cotistas como unidade de análise para identificar quais são os possíveis efeitos de transbordamento de benefícios colhidos por eles com a presença dos egressos cotistas no ensino superior público, gratuito e de qualidade.

## Referências

ALBANAES, P. *et al.* Desenvolvimento de carreira e projetos profissionais de cotistas de uma universidade federal brasileira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 21, n. 1, p. 41–52, 2020.

ANDREWS, G. R. Racial inequality in Brazil and the United States, 1990–2010. **Journal of Social History**, v. 47, n. 4, p. 829–854, 2014.

ANELLI, M. The returns to elite university education: a quasi-experimental analysis. **Journal of the European Economic Association**, v. 18, n. 6, p. 2824–2868, 2020.

ARRIGONI, F. J. **Gestão pública**: busca da igualdade social a partir da Ação Afirmativa Cota no ensino superior brasileiro. Tese (Doutorado). Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2018.

BAGDE, S. K.; EPPLE, D.; TAYLOR, L. Does affirmative action work? Caste, gender, college quality, and academic success in India. **American Economic Review**, v. 106, n. 6, p. 1495–1521, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, C. F. R. Universidade e mercado de trabalho: a trajetória social dos alunos cotistas egressos da Faculdade de Serviço Social da Uerj. **Revista Em Pauta**, v. 17, n. 43, p. 172–186, 2019.

BECKER, G. S. **Human capital**: a theoretical and empirical analysis. New York: Columbia University Press, 1964.

BIAZOTTO, M. L. S. H. *et al.* Comparison between students admitted through regular path and affirmative action systems in a Brazilian public medical school. **Advances in Medical Education and Practice**, v. 13, p. 251–263, 2022a.

BIAZOTTO, M. L. S. H. *et al.* Nursing students admitted through the affirmative action system display similar performance in professional and academic trajectories to those from the regular path in a public school in Brazil. **PloS ONE**, v. 17, n. 3, p. e0264506, 2022b.

BOWEN, W. G.; BOK, D. **The shape of the river**: long-term consequences of considering race in college and university admissions. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1998.

CHRISTIE, H. *et al.* ‘University opened up so many doors for me’: the personal and professional development of graduates from non-traditional backgrounds. **Studies in Higher Education**, v. 43, n. 11, p. 1938–1948, 2018.

DURYEY, S. *et al.* Universities and intergenerational social mobility in Brazil: examining patterns by race and gender. **Journal of Economics, Race, and Policy**, v. 2, n. 4, p. 240–256, 2019.

DUTRA, M. R. P. **Cotistas negros da UFSM e o mundo do trabalho**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2018.

FERREIRA, I. J. S. **Negros e negras**: das políticas de ação afirmativa ao mercado de trabalho. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2018.

FRANCIS-TAN, A.; TANNURI-PIANTO, M. Black Movement: using discontinuities in admissions to study the effects of college quality and affirmative action. **Journal of Development Economics**, v. 135, p. 97–116, 2018.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.

GUIMARÃES, N. A.; ANDRADA, A. C.; PICANÇO, M. F. Transitando entre universidade e trabalho: trajetórias desiguais e políticas afirmativas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 172, p. 284–310, 2019.

HOLZER, H. J.; NEUMARK, D. Affirmative action: what do we know? **Journal of Policy Analysis and Management**, v. 25, n. 2, p. 463–490, 2006.

LIMA, M. S. O. **Afro-brasileiros egressos do sistema de cotas da Uerj e sucesso profissional**: algumas experiências. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 2014.

LOPES, A. D. Affirmative action in Brazil: how students' field of study choice reproduces social inequalities. **Studies in Higher Education**, v. 42, n. 12, p. 2343–2359, 2016.

LYRIO, B. C. C. S.; GUIMARÃES, R. S. Porque para o negro sim! As cotas raciais como política de ação afirmativa nas universidades e nas instituições públicas: a defesa de um espaço. **O Social em Questão**, v. XVII, n. 32, p. 75–100, 2014.

MAIA, M. E. F. A eficácia da política de cotas na UFBA: uma análise dos egressos no mercado de trabalho formal. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2017.

NASCIMENTO, W. L. **"O vestibular nunca acaba pra nós"**: trajetória acadêmica e inserção profissional de diplomados da UFRGS beneficiados pela políti-



ca de cotas. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018.

PEREIRA, L. F. P. **Ações afirmativas na educação pública superior**: análise de resultados de uma turma de cotistas do curso de Administração da Ufes. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública. Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2015.

REIS, D. B. Trajetórias negras importam: histórias de nordestinas (os) egressas de políticas de cotas raciais no ensino superior público brasileiro (2003 – 2018). **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 25, p. 28–41, 2020.

REITER, B.; LEZAMA, P. The importance of inclusion policies for the promotion of development in Brazil and Colombia. **Journal of Developing Societies**, v. 29, n. 2, p. 189–212, 2013.

SILAME, T. R.; MARTINS JÚNIOR, H.; FONSECA, A. H. S. O efeito das cotas: desempenho acadêmico dos estudantes cotistas da Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 33, p. 1–36, 2020.

SILVA, B. C. M.; XAVIER, W. S.; COSTA, T. M. T. Sistema de cotas e desempenho: uma comparação entre estudantes cotistas e não cotistas na Universidade Federal de Viçosa. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 12, n. 3, 2020.

SILVEIRA, A. C. **Expectativas, estratégias e alcances de inserção profissional dos estudantes cotistas e não cotistas da Universidade Federal da Bahia (UFBA)**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2016.

SOTERO, E. C. **Negros no ensino superior**: trajetórias e expectativas de estudantes de Administração beneficiados por políticas de ação afirmativa (Prouni e Cotas) em Salvador. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo (USP), 2009.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006a.

SOUZA, J. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006b.

SOUZA, J. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, J. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

TORCHE, F. Is a college degree still the great equalizer? Intergenerational mobility across levels of schooling in the United States. **American Journal of Sociology**, v. 117, n. 3, p. 763–807, 2011.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 777–796, 2009.

### Notas

- 1 Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) - *Campus* de Alegre. ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-6016-3667>. E-mail: [jose.carvalho@ifes.edu.br](mailto:jose.carvalho@ifes.edu.br).
- 2 Universidade Federal de Viçosa (UFV). ORCID iD <http://orcid.org/0000-0003-3524-3566>. E-mail: [wescley@ufv.br](mailto:wescley@ufv.br).
- 3 Universidade Federal de Viçosa (UFV). ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-9538-1699>. E-mail: [marcoaurelio@ufv.br](mailto:marcoaurelio@ufv.br).
- 4 Disponível em: <https://www.webqda.net/>. Acesso em 13 jun. 2022.

